



JUVENTUDE E ENSINO DE GEOGRAFIA: ANÁLISE DAS PESQUISAS NA PÓS-GRADUAÇÃO DA GEOGRAFIA BRASILEIRA (2003 - 2024)

Alicia de Oliveira Moreira Pereira ¹

RESUMO

Este trabalho analisa as pesquisas da Pós-Graduação em Geografia voltadas aos estudos sobre as Juventudes e o Ensino de Geografia (2003 - 2024), com o objetivo de identificar abordagens temáticas, tendências e elementos que contribuam para reflexões teóricas sobre as espacialidades juvenis. A investigação é de natureza qualitativa (Minayo, 2011), configurando-se como um estado do conhecimento (Romanowski e Ens, 2006) e adota a metodologia de análise de conteúdo (Bardin, 1970) para a análise e discussão dos resultados. As principais abordagens temáticas identificadas foram: formação de práticas cidadãs (33,33%), espaço escolar (22,22%), conhecimentos geográficos (11,11%), aprendizagem geográfica (11,11%), Educação de Jovens e Adultos (11,11%), práticas docentes (5,55%) e políticas curriculares (5,55%). Assim, esta reflexão busca estabelecer diálogos profícuos para o campo do Ensino de Geografia, tomando como referência a relação entre Juventudes e suas espacialidades.

Palavras-chave: Ensino de Geografia, Juventudes, Vivência espacial, Aprendizagem, Teoria Histórico-Cultural.

RESUMEN

Este trabajo analiza las investigaciones de los programas de posgrado en Geografía orientadas a los estudios sobre las juventudes y la enseñanza de la Geografía (2003-2024), con el objetivo de identificar enfoques temáticos, tendencias y elementos que contribuyan a reflexiones teóricas sobre las espacialidades juveniles. La investigación es de naturaleza cualitativa (Minayo, 2011), se configura como un estado del conocimiento (Romanowski y Ens, 2006) y adopta la metodología de análisis de contenido (Bardin, 1970) para el examen y la discusión de los resultados. Los principales enfoques temáticos identificados fueron: formación de prácticas ciudadanas (33,33%), espacio escolar (22,22%), conocimientos geográficos (11,11%), aprendizaje geográfico (11,11%), Educación de Jóvenes y Adultos (11,11%), prácticas docentes (5,55%) y políticas curriculares (5,55%). Así, esta reflexión busca establecer diálogos fructíferos para el campo de la Enseñanza de la Geografía, tomando como referencia la relación entre juventudes y sus espacialidades.

Palabras clave: Enseñanza de la Geografía, Juventudes, Vivencia espacial, Aprendizaje, Teoría Histórico-Cultural.

¹ Doutoranda do Curso de Geografia da Universidade Federal de Goiás - UFG, aliciaoliveirapereira@gmail.com;



INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, a relação entre juventudes e dinâmicas espaciais configura-se como um tema relevante e complexo, atravessado por questões culturais, identitárias e sociais que se entrelaçam na tessitura do espaço geográfico - compreendido enquanto um sistema indissociável de objetos e ações (Santos, 1996). No campo da Geografia, essa intersecção demanda investigações mais aprofundadas. Ainda que timidamente explorada, a temática tem ganhado visibilidade, especialmente no âmbito do ensino de Geografia. Nas últimas décadas, emergem estudos voltados à compreensão das espacialidades juvenis e das múltiplas formas pelas quais jovens se relacionam, vivenciam e (re)produzem suas práticas espaciais cotidianas, incluindo o espaço escolar (Cavalcanti, 2016, 2024; Turra Neto, 2009; Cassab, 2011; Oliveira, 2023).

É fundamental, nesse contexto, compreender as juventudes como uma categoria social, reconhecendo o jovem como sujeito social complexo (Dayrell, 2003). A reflexão geográfica sobre essa categoria exige, antes de tudo, um questionamento sobre o que é ser jovem, à luz do estatuto epistemológico da Geografia. A abordagem adotada aqui articula dimensões subjetivas e sociais, compreendendo as juventudes em sua pluralidade - marcada por aspectos culturais, políticos e históricos que conformam modos diversos de ser jovem em diferentes contextos (Cavalcanti, 2016, 2024; Turra Neto, 2009; Cassab, 2011; Oliveira, 2023).

Nesse sentido, a investigação do estado do conhecimento sobre pesquisas de Pós-Graduação em Geografia que discutem as Juventudes e o Ensino de Geografia vincula-se diretamente à proposta da pesquisa de doutorado intitulada “Vivências espaciais juvenis e o processo de ensino e aprendizagem de Geografia: diálogos entre marcadores sociais da diferença e a espacialidade da/na escola”. A pesquisa busca compreender as vivências espaciais juvenis na espacialidade da/na escola e seus impactos no processo de ensino e aprendizagem de Geografia, visando ao desenvolvimento do pensamento geográfico. Assim, as espacialidades juvenis tornam-se uma dimensão central para qualificar o ensino de Geografia, articulando conceitos e categorias do campo geográfico às práticas e cotidianos juvenis (Cavalcanti, 2019, 2024).

Neste contexto, a realização de um panorama das teses e dissertações produzidas entre os anos de 2003 a 2024 constitui-se como ponto de partida para identificar abordagens temáticas, tendências e elementos que contribuam para reflexões teóricas sobre as espacialidades juvenis, as relações entre jovens e os conhecimentos geográficos, bem como o



ensino de Geografia no cotidiano escolar. Diante disso, emergem as seguintes questões investigativas: Qual o panorama das pesquisas de teses e dissertações (2003-2024) que abordam as juventudes e o ensino de Geografia? Quais têm sido suas principais preocupações e abordagens investigativas? Qual a natureza dessas produções e suas instituições de origem? E, sobretudo, que evidências esses trabalhos revelam sobre a relação entre as juventudes e o ensino de Geografia?

Portanto, esta reflexão parte do intuito de estabelecer diálogos profícuos para o campo do Ensino de Geografia, tomando como referência a relação entre Juventudes e suas espacialidades. Busca-se, com isso, construir aproximações com os estudos em curso e com pesquisadoras e pesquisadores da área, tensionando os fundamentos existentes para pensar as juventudes a partir da interface geográfica, tendo como horizonte os conhecimentos geográficos e sua relação com o Ensino de Geografia, voltados para o desenvolvimento do pensamento geográfico (Cavalcanti, 2019, 2024).

METODOLOGIA

Para sustentar a abordagem proposta, esta investigação ancora-se na pesquisa qualitativa, conforme os aportes teórico-metodológicos de Minayo (2011). A escolha por essa perspectiva se justifica pela sua capacidade de possibilitar uma interpretação mais aprofundada dos aspectos subjetivos e complexos relacionados ao fenômeno investigado - as pesquisas que abordam as Juventudes e o Ensino de Geografia.

É fundamental destacar os referenciais que orientam a compreensão do que se entende por um estado do conhecimento. Nesse sentido, cabe mencionar as contribuições de Romanowski e Ens (2006, p. 39), que, a partir de estudos desenvolvidos em grupos de pesquisa sobre o estado da arte na área de formação de professores, indicam que a análise de resumos de dissertações e teses, isoladamente, não é suficiente. As autoras argumentam que é necessário incluir também produções apresentadas em eventos científicos e publicações em periódicos. Assim, o estudo que contempla apenas um recorte específico das produções sobre determinado tema tem sido denominado de estado do conhecimento.

Com base nessa concepção, este estudo intenta-se em realizar um estado do conhecimento sobre os estudos desenvolvidos na Pós-Graduação em Geografia que tratam das Juventudes no contexto do Ensino de Geografia, cujo objetivo consiste em analisar as principais abordagens, tendências e contribuições teóricas dessas produções, identificando como o campo vem se configurando nas últimas décadas.



Para tanto, o recorte temporal estabelecido contempla os últimos vinte e quatro anos (2003 - 2024), priorizando pesquisas que reconhecem a juventude enquanto categoria de análise e que estão comprometidas com os estudos voltados ao Ensino de Geografia. Como critérios de exclusão, foram desconsideradas produções de outras áreas do conhecimento, bem como trabalhos que abordam a temática da Juventude de forma tangencial ou não a insere como categoria central nas discussões do Ensino de Geografia.

O levantamento foi realizado a partir das bases do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES (CTDC), utilizando os descritores: Juventude, Jovem e Ensino de Geografia. A partir dessa busca inicial, foram localizados cinquenta e nove (59) trabalhos. Em um segundo momento, esses materiais passaram por um processo de análise criteriosa, com o intuito de verificar a pertinência das discussões em relação aos critérios definidos anteriormente, possibilitando, assim, uma leitura qualificada do panorama das pesquisas sobre juventudes e ensino de Geografia no Brasil.

Por conseguinte, ao adotar uma abordagem qualitativa de caráter bibliográfico, fundamentada no levantamento e análise de teses e dissertações, esta investigação busca compreender de que forma a categoria juventude tem sido abordada nas pesquisas acadêmicas vinculadas ao campo do Ensino de Geografia. A intenção é identificar tendências, lacunas e contribuições teórico-metodológicas que permitam qualificar o debate sobre as juventudes e suas vivências espaciais no contexto escolar, contribuindo para o fortalecimento das discussões acerca dos jovens escolares e o processo de ensino e aprendizagem de Geografia, que reconheçam as diversidades e promovam o desenvolvimento do pensamento geográfico.

REFERENCIAL TEÓRICO

Diante do exposto, com o propósito de refletir sobre as produções teórico-metodológicas voltadas às Juventudes e ao Ensino de Geografia, mobiliza-se, como referencial teórico, um conjunto de elementos que auxiliam na compreensão das espacialidades juvenis e da relação desses sujeitos com a espacialidade da/na escola, bem como de seus impactos no processo de ensino e aprendizagem de Geografia, orientado pelo desenvolvimento do pensamento geográfico (Cavalcanti, 2019).

Nesse sentido, o referencial teórico-conceitual deste trabalho estrutura-se em três grandes eixos: (I) Espacialidades das Juventudes, considerando as contribuições teóricas em torno das juventudes e da Geografia; (II) Ensino de Geografia; e (III) Vivência espacial



juvenil, que articula a relação dos jovens com o espaço geográfico sob a perspectiva da Teoria Histórico-Cultural, integrando elementos dos dois eixos anteriores.

No que tange às Espacialidades das Juventudes, este eixo mobiliza a juventude como uma categoria social, cultural, política e historicamente construída. Reconhece-se a juventude como um período de construção de identidades marcado por heterogeneidades, múltiplas pertencas e desigualdades (Abramo, 1997). Nesse sentido, serão acionadas categorias analíticas consolidadas no campo dos estudos sobre as juventudes, tais como condição juvenil, identidades e culturas juvenis e socialização juvenil (Abramo, 1997; Groppo, 2004; Pais, 2003, 2005; Reguillo, 2013; Dayrell, 2003, 2007; Catani e Gilioli, 2008; Carrano, 2013).

No campo da Geografia, o diálogo se estabelece com autoras(es) que investigam as relações entre juventudes, práticas espaciais e cidade, reconhecendo a centralidade do espaço urbano e da escola como territórios das vivências espaciais (Cavalcanti, 2014, 2016, 2024; Paula, Cavalcanti e Pires, 2016; Turra Neto, 2008; Cassab, 2009, 2011, 2014; Oliveira, 2007, 2023, 2024). A proposta de uma Geografia das Juventudes busca, assim, compreender as espacialidades e culturas juvenis a partir das práticas cotidianas e dos sentidos geográficos que emergem dessas experiências, especialmente nos contextos escolares.

Em relação ao campo do Ensino de Geografia, este eixo ancora-se na Didática Crítica da Geografia, orientada por uma perspectiva dialética de ensino e aprendizagem, na qual o conhecimento geográfico se constitui em permanente relação com os sujeitos, suas experiências e o processo de formação humana. Discute-se como as múltiplas espacialidades juvenis podem ser reconhecidas e mobilizadas no ensino, contribuindo para a formação de um pensamento geográfico socialmente comprometido (Cavalcanti, 2019, 2024; De Souza, 2011, 2017; Santos e De Souza, 2021; Callai, 2010, 2018). Nessa direção, a escola é compreendida como um espaço de mediação pedagógica e sociocultural, no qual se entrecruzam os saberes dos sujeitos e os conhecimentos científicos. É também o lugar onde as vivências espaciais podem ser integradas à construção dos conteúdos geográficos, potencializando o desenvolvimento do pensamento geográfico no contexto escolar.

A partir das discussões em torno da vivência espacial juvenil, fundamentada pela Teoria Histórico-Cultural, este eixo compreende a vivência como a unidade entre sujeito e meio, constituindo-se condição fundamental para o desenvolvimento humano (Vigotski, 1996; Toassa, 2009; Prestes, 2010). A partir dos fundamentos de Vigotski, Leontiev e Luria (1991), o desenvolvimento é entendido como um processo complexo, de base filogenética, ontogenética e sociogenética. A vivência, portanto, é situada e histórica, e sua dimensão espacial emerge como parte essencial dessa constituição.



Nesse contexto, o conceito de vivência espacial, que, conforme Lopes (2022, 2024), carrega uma espacialidade inerente, de modo que todo processo de vivência espacial é, simultaneamente, um processo de vivência interespacial. Assim, este eixo propõe refletir sobre como as experiências espaciais dos(as) jovens se constituem em práticas de apropriação, significação e produção do espaço, e como podem ser integradas ao processo de ensino e aprendizagem de Geografia.

A compreensão das espacialidades das juventudes parte do pressuposto teórico de que estas se configuram como uma categoria social heterogênea, fundamental para a compreensão da sociedade em sua estrutura, composição, transformações, demandas e possibilidades de ação. Consideradas construções históricas, sociais, políticas e espaciais, as juventudes vêm sendo abordadas por autores como Dayrell (2003, 2012), Reguillo (2013), Pais (2003, 2005), Carrano (2011) e Turra Neto (2011), que, a partir da sociologia das juventudes, criticam leituras essencialistas e biologizantes que reduzem essa fase à mera transição etária. Em contraposição, esses estudos evidenciam a pluralidade juvenil e reconhecem que os jovens são, antes de tudo, desiguais, marcados por condições materiais que condicionam suas formas de viver e experienciar a juventude (Dayrell, 2001; Pais, 2003; Catani; Gilioli, 2008).

Pesquisas mais recentes têm enfatizado essa heterogeneidade, evidenciando que as juventudes são expressões múltiplas, atravessadas por interações transculturais, ressignificações espaciais e dinâmicas que articulam o local ao global (Turra Neto; Cardoso, 2011). Tal perspectiva rompe com visões homogêneas e destaca que os jovens não apenas ocupam os espaços, mas produzem territorialidades (Santos, 1996), transformando ambientes urbanos em territórios de sociabilidades e (re)existências. O uso do termo no plural traduz esse paradigma, ao incorporar interseccionalidades como classe, raça, gênero e lugar (Oliveira, 2023).

Nesse contexto, a Geografia tem incorporado reflexões que consideram as juventudes em suas diversidades e desigualdades, conforme aponta Cavalcanti (2024). Questões como “Quem são esses jovens?”, “Onde vivem?”, “Com o que se preocupam?”, “Como vivenciam o espaço geográfico?” são fundamentais para uma leitura crítica do espaço. Pensar geograficamente as juventudes implica compreender onde elas vivem, como ocupam e transformam os lugares e como articulam os componentes físico-naturais e sociais do espaço em suas vivências.

Compreender essa espacialidade juvenil exige um pensamento geográfico fundamentado em conceitos e princípios próprios da Geografia. Segundo a perspectiva



vigotskiana, pensar é uma função superior, desenvolvida na relação com o contexto sócio-histórico. Assim, no ensino de Geografia, esse pensamento se materializa na análise das interações juvenis com o espaço, incluindo apropriações territoriais, riscos ambientais e vivências em paisagens específicas. O professor de Geografia, ao articular os saberes científicos e cotidianos, contribui para o desenvolvimento do pensamento geográfico, como destaca Cavalcanti (2012, 2016, 2019).

Para Cavalcanti (2019, p. 81), o pensamento geográfico é a "capacidade geral de realizar a análise geográfica de fatos ou fenômenos", e o raciocínio geográfico se expressa na articulação de conceitos, categorias, princípios e linguagens da ciência geográfica. Na escola, esse pensamento impulsiona o desenvolvimento das funções intelectuais superiores, tendo o espaço geográfico como conceito estruturante. Nesse sentido, a leitura da espacialidade juvenil requer múltiplas escalas, da local à global, como afirma Cavalcanti (2016, p. 122), ao considerar a visibilidade do múltiplo como um exercício de reconhecer a diferença, enxergando o mundo nas contradições entre inclusão e exclusão, local e global. A Geografia, nesse olhar, possibilita descobrir novas questões por meio de um pensamento que integra os conhecimentos geográficos (Gomes, 2013, p. 16).

Assim, refletir sobre a espacialidade das juventudes implica mobilizar categorias centrais da análise geográfica, como espaço, território e paisagem, organizadas por princípios como localização, escala, conexão e delimitação, entre outros. Com isso, reconhece-se que os(as) jovens vivenciam os espaços de formas múltiplas e simbólicas, e que o ensino de Geografia pode potencializar essa leitura crítica ao desenvolver um pensamento geográfico que valorize tais vivências.

Associar a compreensão das espacialidades das juventudes pela ótica da Geografia implica mobilizar conteúdos geográficos que reconheçam essas espacialidades, visando à formação de conceitos e práticas cidadãs ancoradas em saberes articulados às experiências cotidianas juvenis. Para Callai (2010, p. 16), "a finalidade da educação geográfica é contribuir na construção de um pensamento geográfico, quer dizer, desenvolver modos de pensar que envolvam a dimensão espacial". A partir dessa perspectiva, a educação geográfica busca construir uma forma de pensar o mundo de maneira ampliada e complexa, contribuindo para a formação dos sujeitos, para aprendizagens significativas e para que a Geografia vá além da função meramente ilustrativa (Callai, 2010, p. 18).

Nessa mesma direção, Cavalcanti (2002, p. 13) defende que "o trabalho de educação geográfica na escola consiste em levar as pessoas em geral, os cidadãos, a uma consciência da espacialidade das coisas, dos fenômenos que elas vivenciam, diretamente ou não, como parte



da história social”. Assim, o ensino de conteúdos “[...] deveria ser uma ação que ensinasse a se fazer análise geográfica de fatos e fenômenos”, valorizando a especificidade do ensinar geográfico (Cavalcanti, 2019, p. 67).

Importa destacar que, na linha teórica adotada neste trabalho, a proposta de ensino de Geografia se ancora na teoria histórico-cultural, compreendendo o ensino como processo de desenvolvimento teórico-conceitual mediado pela linguagem e pelo pensamento (Cavalcanti, 2019, 2024). Nesse horizonte, emergem categorias fundamentais à compreensão das espacialidades juvenis no processo de ensino e aprendizagem em Geografia, sendo elas: (i) vivência, (ii) situação social do desenvolvimento e (iii) atividade. Dentre essas, destaca-se especialmente a categoria vivência, por seu potencial explicativo e formativo no contexto das experiências espaciais juvenis.

A esse respeito, articulado ao conceito de vivência elaborado por Vigotski, permite compreender como as experiências dos sujeitos são interiorizadas de forma subjetiva e como se relaciona com o desenvolvimento psíquico. Nesse sentido, a vivência constitui-se como eixo importante para a compreensão da expressão de como o sujeito sente, interpreta e responde à SSD, o que implica reconhecer que experiências semelhantes podem gerar efeitos distintos no desenvolvimento de cada indivíduo. Assim, a vivência atua como unidade de análise que articula as condições externas (meio social) às características internas do sujeito (necessidades, afetos, sentidos), evidenciando que o desenvolvimento é tanto social quanto pessoal, a partir de uma relação dialética entre totalidade-particularidade-singularidade, sendo os sujeitos singulares e sociais.

Ainda, no âmbito da Teoria Histórico-Cultural (THC), têm emergido estudos no campo da Geografia que se fundamentam nessa perspectiva para a construção conceitual da noção de vivência espacial. Para Lopes (2022, 2024), a vivência espacial diz respeito à forma como os sujeitos se relacionam com o espaço a partir de suas experiências cotidianas, afetivas, sociais e políticas, compreendendo que o espaço geográfico é vivido, sentido e apropriado de maneiras diversas. O autor direciona sua análise especialmente para vivências espaciais negligenciadas pelas geografias tradicionais centradas nos adultos, com foco nas experiências espaciais de bebês e crianças.

Nesse sentido, considerando os pilares teórico-conceituais deste trabalho, as espacialidades das juventudes, o ensino e a aprendizagem de Geografia, e a vivência espacial, sobretudo a partir da Teoria Histórico-Cultural, defende-se que as vivências espaciais juvenis, quando reconhecidas e mobilizadas no contexto da espacialidade da/na escola, contribuem significativamente para o desenvolvimento do pensamento geográfico dos(as) estudantes.



Isso, desde que sejam mediadas por práticas pedagógicas que dialoguem com suas realidades concretas, respeitando suas identidades e diferenças e, sobretudo, reconhecendo-os como sujeitos ativos em sua aprendizagem, produtores de espacialidades e de conhecimentos geográficos em sua vida cotidiana.

Portanto, é nesse contexto que esta pesquisa se consolida como uma oportunidade de aprofundamento teórico acerca dos estudos em relação às Juventudes e o processo de ensino e aprendizagem de Geografia, contribuindo para a reflexão em torno de um Ensino de Geografia sensível às experiências dos sujeitos e comprometida com a leitura do espaço geográfico em sua totalidade, reconhecendo às práticas espaciais cotidianas das juventudes. Sendo assim, o estado do conhecimento realizado neste trabalho contribui para a reflexão acerca de como o tema vem sendo abordado, das tendências identificadas e das lacunas existentes em relação às contribuições teórico-metodológicas voltadas ao campo do Ensino de Geografia que se efetiva no contexto da Educação Básica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O levantamento e a sistematização dos trabalhos foram realizados no primeiro semestre de 2025, por meio de buscas no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes (CTDC), utilizando os descritores Juventude, Jovem e Ensino de Geografia. Ao aplicar filtros específicos: grande área do conhecimento - Ciências Humanas; área de avaliação - Geografia; área de concentração - Geografia Humana; e Programas de Pós-Graduação em Geografia, identificou-se um total de trinta e sete (37) trabalhos.

Com o objetivo de compreender os debates presentes nas pesquisas selecionadas e conferir continuidade à constituição de um panorama da produção científica sobre o tema, adotou-se a metodologia qualitativa de Análise de Conteúdo, conforme proposta por Laurence Bardin (1970). A partir dessa concepção metodológica, adotou-se as etapas de organização em três fases, sendo: (i) pré-análise, com a leitura dos resumos e das palavras-chave das teses e dissertações, formulação de hipóteses e objetivos, e elaboração de indicadores; (ii) exploração do material, voltada à descrição analítica e à definição de categorias dos trabalhos; e (iii) tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

Com base nos critérios de análise adotados nesta investigação, foram identificados 18 trabalhos que abordam as Juventudes e o Ensino de Geografia.



Quadro I - Levantamento de Teses e Dissertações sobre Juventudes e Ensino de Geografia (2003 - 2024)

Título	Autor(a)	Instituição	Orientador(a)
FORMAÇÃO CIDADÃ, JUVENTUDE E TRABALHO: A GEOGRAFIA NA FORMAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)	RIBEIRO, REUVIA DE OLIVEIRA	UFG	LANA DE SOUZA CAVALCANTI
CULTURAS GEOGRÁFICAS DE ALUNOS-JOVENS: UMA REFERÊNCIA PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA	LUCINEIDE MENDES PIRES	UFG	LANA DE SOUZA CAVALCANTI
A JUVENTUDE RURAL E O LUGAR DE VIVÊNCIA COMO REFERÊNCIA DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO CONSTRUÍDO EM SALA DE AULA	MENEZES, PRISCYLLA KAROLINE DE	UFG	LANA DE SOUZA CAVALCANTI
SOMOS JOVENS: O ENSINO DE GEOGRAFIA E A ESCUTA DAS JUVENTUDES	OLIVEIRA, VICTOR HUGO NEDEL	UFRGS	NESTOR ANDRE KAERCHER
A GEOGRAFIA DO ESPAÇO ESCOLAR: JOVEM-ALUNO, PRÁTICAS ESPACIAIS E APRENDIZAGEM GEOGRÁFICA	SILVA, ALEXSANDER BATISTA	UFG	LANA DE SOUZA CAVALCANTI
JUVENTUDES E MOVIMENTO DE OCUPAÇÃO DAS ESCOLAS: CAMINHOS PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA	SILVA, ALCINEIA DE SOUZA	UNB	CRISTINA MARIA COSTA LEITE



ENANPEGE

XVI Encontro Nacional de Pós-Graduação e
Pesquisa em Geografia

AS RELAÇÕES ENTRE AS VIVÊNCIAS ESPACIAIS DE ALUNAS E ALUNOS DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE ENSINO MÉDIO REGULAR E A REPROVAÇÃO GENERIFICADA NA CIDADE DE PONTA GROSSA, PARANÁ	OLIVEIRA, SUSANA APARECIDA FAGUNDES DE	UEPG	MARCIO JOSE ORNAT
JUVENTUDES, ESCOLA E ENSINO DE GEOGRAFIA: SUJEITOS, ESPAÇOS E SENTIDOS	VANDERLEI, SHIRLEY ALVES VIANA	UFT	CAROLINA MACHADO ROCHA BUSCH PEREIRA
ENTRE VOZES, ESPAÇOS, CARTOGRAFIAS E AÇÕES: OS TERRITÓRIOS DA JUVENTUDE DO BAIRRO SÍTIO CERCADO E O ENSINO DE GEOGRAFIA	OLIVEIRA, DANIELLE WILLEMANN SUTIL DE	UFPR	ANGELA MASSUMI KATUTA
A ESCALA GEOGRÁFICA E O PENSAMENTO GEOGRÁFICO: EXPERIÊNCIAS COM JOVENS ESCOLARES DO ENSINO MÉDIO	ARAGÃO, WELLINGTON ALVES	UFG	LANA DE SOUZA CAVALCANTI
TECENDO OS FIOS DA REDE: O CIEJA (CENTRO INTEGRADO DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS) COMO PROPOSTA EM REDE DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO	DUARTE, DIEGO ELIAS SANTANA	UNESP	NECIO TURRA NETO
JUVENTUDES NA ESCOLA: INTER-RELAÇÕES, SUBJETIVIDADES, IDENTIDADES E FORMAÇÃO CIDADÃ	MORETI, NICOLE MIEKO TAKADA	UNESP	NECIO TURRA NETO
A MOTIVAÇÃO PARA APRENDER NO ENSINO DE GEOGRAFIA: O	SILVA, MACIEL PEREIRA DA	UNB	CRISTINA MARIA COSTA LEITE



POSICIONAMENTO DA JUVENTUDE ESTUDANTIL EM RELAÇÃO AS METODOLOGIAS DE ENSINO EM ESCOLAS PÚBLICAS DO GAMA- DF			
A VALORIZAÇÃO NO ENSINO DE GEOGRAFIA DAS PRÁTICAS SOCIOESPACIAIS DOS JOVENS NA CIDADE	MOURA, BRUNA DE	UNICENTRO	MARQUIANA DE FREITAS VILAS BOAS GOMES
A PAISAGEM NAS AULAS DE GEOGRAFIA: PRÁTICAS DE ENSINO E O OLHAR DE JOVENS ESCOLARES DO ENSINO MÉDIO DE GOIÂNIA	FELÍCIO, WILLIAN FRANDO	UFG	LANA DE SOUZA CAVALCANTI
A GEOGRAFIA NO ENSINO MÉDIO: ANÁLISE DO CONTEÚDO DAS POLÍTICAS CURRICULARES ENTRE 1999-2018.	SILVA, LETICIA SILVERIO DA	UNIFAL	SANDRA DE CASTRO DE AZEVEDO
BARREIRAS SOCIOESPACIAIS E CAMPO DE POSSIBILIDADES: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE AS JUVENTUDES ESCOLARES DE PRESIDENTE PRUDENTE E FLÓRIDA PAULISTA	MORETI, NICOLE MIEKO TAKADA	UNESP	NECIO TURRA NETO
O COLÉGIO ESTADUAL MÁRIO DE ANDRADE E SEU PAPEL HISTÓRICO REGIONAL NO ENSINO DE GEOGRAFIA NO PERÍODO DE 1964 A 1982	BELLIATO, MOACIR DA COSTA	UNIOESTE	MARLI TEREZINHA SZUMILO SCHLOSSER

Desses, 11 correspondem a dissertações de mestrado, representando 66,7% do total, enquanto os demais 38,9% são teses de doutorado. As instituições de origem dessas pesquisas incluem a Universidade Estadual Paulista (UNESP) – campus de Presidente Prudente, a Universidade Federal de Goiás (UFG), a Universidade de Brasília (UnB), a Universidade



Federal do Tocantins (UFT), a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), a Universidade Federal do Paraná (UFPR), a Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), a Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO) e a Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). A espacialização das instituições de origem desses trabalhos estão representadas na Figura 1, abaixo.



Figura 1: Instituição de origem dos trabalhos sobre Juventudes e Ensino de Geografia (2003-2024)

Fonte: Autora, 2025.

Dentre as principais abordagens temáticas sobre Juventudes e o Ensino de Geografia, destacam-se: a *formação de práticas cidadãs* (33,33%), que evidencia o papel da Geografia na construção da cidadania a partir das vivências urbanas e territorialidades juvenis; o *espaço escolar* (22,22%), com foco nos sentidos atribuídos pelos jovens à escola; os *conhecimentos geográficos* (11,11%), com ênfase em categorias como Lugar, Território e Escala para compreender as espacialidades juvenis; a *aprendizagem geográfica* (11,11%), centrada na



relação entre juventudes e a aprendizagem; a *Educação de Jovens e Adultos* (11,11%), abordando as especificidades dessa modalidade e o papel da Geografia nesse contexto; as *práticas docentes* (5,55%), com destaque para a atuação das(os) professoras(es) e suas práticas didático-pedagógicas; e, por fim, as *políticas curriculares* (5,55%), com foco na presença do conceito de juventudes nos documentos oficiais voltados ao Ensino Médio.

Evidencia-se, nesse sentido, que a compreensão das práticas espaciais juvenis exige reconhecer as juventudes como sujeitos sociais e históricos, portadores de afetos, desejos e identidades, que produzem ativamente espacialidades. As juventudes constroem espacialidades próprias, atribuem sentidos à cidade e desenvolvem formas diversas de uso, apropriação e resistência no, pelo e com o espaço urbano.

Nesse contexto, os conceitos de condição juvenil, culturas juvenis e identidade juvenil tornam-se centrais para compreender o que significa ser jovem na contemporaneidade e, sobretudo, como esses(as) jovens vivenciam o espaço público urbano. As pesquisas analisadas demonstram um caráter voltado à compreensão das espacialidades juvenis, articulando elementos que dizem respeito às formas, vivências e experiências dos(as) jovens com o espaço geográfico, especialmente em sua relação com o espaço urbano.

Outra dimensão que emerge com centralidade nessas produções refere-se à *cidadania*, entendida como prática social que se expressa nas formas de uso, ocupação e nas condições de existência nos espaços públicos, configurando-se como um elemento fundamental para a análise geográfica das relações espaciais. A cidadania, nesse contexto, não é concebida apenas como um conjunto de direitos instituídos, mas como prática cotidiana e processo social que se materializa no espaço a partir das experiências, conflitos e disputas vivenciadas pelos diferentes sujeitos.

Nesse sentido, articulam-se neste trabalho as contribuições de autores como Santos (2007) e Oliveira et al. (2014), que ressaltam a importância de compreender a cidadania em sua multidimensionalidade (Oliveira, 2008), para além dos direitos civis e políticos, incluindo o acesso pleno aos bens, aos espaços coletivos da cidade e ao próprio direito de existência. A cidadania, nessa linha de compreensão, consiste em uma construção social que pode ser aprendida (Santos, 2007).

Como destacam Cavalcanti e Souza (2014, p. 5), “a cidadania está ligada à participação na vida coletiva, incluindo reivindicações de inclusão social, de respeito à diversidade e de direitos mais amplos para melhores condições de vida e sobrevivência”. Assim, compreender a cidadania articulada aos conceitos estruturadores da ciência geográfica



possibilita uma leitura mais crítica dos fenômenos espaciais e contribui para a formação de práticas cidadãs e para o desenvolvimento da consciência espacial.

Conforme apresentado na Figura 2, observa-se a centralidade da relação entre jovens, escola, motivação e processos vinculados ao ensino de Geografia. Por fim, destaca-se também a importância de considerar as formas pelas quais esses(as) jovens se relacionam com a escola e com o conhecimento geográfico. Nesse sentido, as contribuições de Cavalcanti (2016, 2024) são fundamentais para compreender a categoria “jovens escolares”, entendida como elemento essencial para o encaminhamento do processo de ensino e aprendizagem, reconhecendo os(as) estudantes enquanto sujeitos em processo de escolarização, cuja formação está voltada ao desenvolvimento do pensamento geográfico.



Figura 2: Palavras-chave dos trabalhos.

Fonte: Autora, 2025.

Portanto, conforme os referenciais teórico-metodológicos explicitados e a análise das teses e dissertações que discutem as Juventudes e o Ensino de Geografia, entre 2003 e 2024, torna-se fundamental compreender a produção do espaço como também uma produção de cidadanias, reconhecendo o urbano como território atravessado por múltiplas vozes, memórias, resistências e desigualdades, perspectiva que dialoga com a construção de uma justiça espacial (Soja, 2014).



Diante disso, destaca-se a relevância de reconhecer os(as) jovens enquanto sujeitos plurais, diversos e desiguais, produtores de espacialidades, cujas experiências devem ser consideradas com centralidade no processo de ensino e aprendizagem de Geografia, contribuindo para uma formação crítica, sensível às diferenças e comprometida com a transformação social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À vista disso, torna-se evidente a importância de refletir teoricamente sobre como as juventudes se constituem pelo e no espaço geográfico. Nesse sentido, é necessário problematizar as formas pelas quais os(as) jovens vivenciam, se apropriam e produzem espacialidades, bem como analisar como essa categoria tem sido considerada nas pesquisas acadêmicas e nos processos de ensino e aprendizagem em Geografia.

Este levantamento busca contribuir com proposições teórico-metodológicas que considerem as juventudes, sobretudo os(as) jovens escolares, em suas diversidades, desigualdades e diferenças (Cavalcanti, 2024), aprofundando a compreensão da complexidade do espaço escolar em sua dimensão geográfica. Assim, torna-se relevante evidenciar os desafios existentes, mas também apontar possibilidades para um ensino de Geografia que reconheça as múltiplas espacialidades juvenis e suas potencialidades no processo educativo.

Por fim, as pesquisas analisadas em torno da categoria Juventudes e o Ensino de Geografia revelam a necessidade de um maior aprofundamento teórico-metodológico sobre a abordagem dessa categoria enquanto elemento central no processo de ensino e aprendizagem, especialmente na elaboração e construção dos conteúdos geográficos escolares. Considerar as vivências espaciais juvenis nesse processo pode potencializar a significação e a internalização dos conhecimentos geográficos junto aos jovens escolares, contribuindo para um ensino mais crítico, contextualizado e humanizador.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n.5, p. 25-35, 1997. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1413-24781997000200004&script=sci_abstract. Acesso em: 10 jan. 2025.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

CALLAI, Helena Copetti. **A geografia ensinada**: os desafios de uma educação geográfica.



In: MORAIS, Eliana Marta Barbosa; MORAES, Loçandra Borges. **Formação de professores:** conteúdos e metodologias no ensino de geografia. Goiânia: Nepeg, 2010. p. 15-37.

CALLAI, Helena Copetti. Educação geográfica para a formação cidadã. **Revista de Geografia Norte Grande**, 2018, no 70, p. 9-30.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **O olhar geográfico em formação:** Jovens Estudantes de Geografia e desafios urbanos contemporâneos. *In:* PAULA, Flávia Maria de Assis; CAVALCANTI, Lana de Souza; PIRES, Lucineide Mendes Pires. (Org.). *Os Jovens e suas Espacialidades*. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, p. 121-142, 2016.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Ensinar geografia para a autonomia do pensamento: o desafio de superar dualismos pelo pensamento teórico crítico. **Revista da ANPEGE**, Mato Grosso do Sul, v. 7, n.1, p. 193-203, jul. 2017. Disponível em:
<https://ojs.ufgd.edu.br/anpege/article/view/6563>. Acesso em: 12 ago. 2014.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Pensar pela Geografia:** ensino e relevância social. 1. ed. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2019. 232p.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Ensinar e Aprender Geografia:** elementos para uma didática crítica. 1. ed. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2024. 192p.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Juventudes e conteúdos geográficos no ensino de Geografia. *In:* OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel (Org.). **Juventudes e mudanças climáticas**. Porto Alegre, GPJUVE, 2025, p.143-175.

CARRANO, Paulo. Jovens, escolas e cidades: desafios à autonomia e a consciência. Teias, Rio de Janeiro, v. 12, n.26, p. 7-22, dez. 2011. Disponível em:
<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24209>. Acesso em: 24 out. 2024.

CASSAB, Clarice. “Como um fantasma sob a neblina...” Os jovens, a cidade e a política. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v.10, n. 32, p. 143-162, set. 2011. Disponível em:
<https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/16045>. Acesso em: 10 de jan. 2025.

CATANI, Afrânio Mendes; GIOLLI, Renato de Souza Porto. **Culturas juvenis:** múltiplos olhares. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2008. 115p.

DAYRELL, Juarez. **A música entra em cena:** o rap e o funk na socialização da juventude em Belo Horizonte. 2011. 303f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, São Paulo, 2001. Disponível em:
<https://repositorio.usp.br/item/001209777>. Acesso em: jan. 2024.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 24, p. 40-52, dez. 2003. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/zsHS7SvbPxKYmvcX9gwSDty/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 17 jul. 2024.



DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**, Campinas, v.28, n.100, Especial, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/RTJFy53z5LHTJjFSzq5rCPH/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 13 mar. 2024.

DE SOUZA, Vanilton Camilo. Fundamentos teóricos, epistemológicos e didáticos no ensino da Geografia: bases para formação do pensamento espacial crítico. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, 2011, vol. 1, n.1, p. 47-67.

DE SOUZA, Vanilton Camilo. Ensinar geografia por conceitos na formação de professores. **Anekumene**, 2017, no 14, p. 8-17.

GOMES, Paulo César da Costa. **O lugar do olhar**: elementos para uma geografia da visibilidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, v. 21, 2013.

GROPPO, Luís Antonio. Dialética das juventudes moderna e contemporânea. **Revista de Educação do Cogeime**, 13, n. 25, 2004.

LOPES, Jader Janer Moreira. Geografia da infância, justiça existencial e amorosidade espacial. **Revista de Educação Pública**, v. 31, 2022.

LOPES, Jader Janer Moreira. **Atrás da porta**: vivências espaciais esquecidas pelas geografias dos adultos para [con]viver e [co]existir com as geografias das infâncias de bebês e crianças. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024, 111p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: **Vozes**, 2001.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. **Geografias das juventudes**. 1. ed. GEPJUVE: Porto Alegre, 2023, 191p.

OLIVEIRA, K. A. T. de; CAVALCANTI, L. de S.; MORAES, L. B. de. (Orgs.). **Nós Propomos! Goiás**: construção do pensamento geográfico e atuação cidadã. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2022. p. 61-92.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003.

PAIS, José Machado. **Ganchos, tachos e biscates**: jovens, trabalho e futuro. Porto: Âmbar, 2005.

PAULA, Flávia Maria de Assis; CAVALCANTI, Lana de Souza Cavalcanti; PIRES, Lucineide Mendes (Org.). **Os jovens e suas espacialidades**. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2016. 378 p.

PRESTES, Zoia Ribeiro. **Quando não é a mesma coisa**: análise de traduções de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil: repercussões no campo educacional, 2010.

REGUILLO, Rossana. **Culturas juveniles, formas políticas del desencanto**. Buenos Aires, SigloVeintiuno Editores, 2013.



ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 6, n. 19, p. 37-50, 2006. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/1891/1891162750_04.pdf. Acesso em: 10 maio 2020.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 1. ed. Hucitec: São Paulo, 1996. 260p.

SANTOS, M. **O espaço do cidadão**. 7ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

SANTOS, Luline Silva Carvalho; DE SOUZA, Vanilton Camilo. Pensar e raciocinar: a geografia como instrumento de cognição. **Revista Signos Geográficos**, v.3, 2021.

SOJA, E. W. **En busca de la justicia espacial**. Valencia: Tirant Humanidades, 2014. p. 33-64.

TOASSA, Gisele. **Emoções e vivências em Vigotski**: investigação para uma perspectiva histórico-cultural. 2009

TURRA NETO, Nécio. **Em busca do lugar**. In: VESTENA, L.R; NOBUKUNI, P.; SILVA, M da; THOMAZ, E. L. (Orgs). *Saberes Geográficos*: teorias e aplicações. Guarapuava: Unicentro, 2009, p.105- 123.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alex; VYGOTSKY, Lev Semionovitch. (orgs). **Psicologia e Pedagogia**: bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento. São Paulo, Moraes, 1991.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Aulas sobre pedologia** - 1933-1934. Iviejsk: Ed. da Universidade de Udmursk, 1996.